

MORAL COMO ANTINATUREZA EM NIETZSCHE

Por: Yago Patrick de Andrade¹

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo discorrer sobre o pensamento do filósofo Friedrich Nietzsche² (1844-1900) e sua crítica à ideia de moral enquanto antinatureza³ baseando-se principalmente em sua obra *Crepúsculo dos Ídolos* (1888), porém, trabalhando elementos das demais obras, como por exemplo: *Genealogia da Moral* e *O Anticristo*, visto que o escrito informado anteriormente trata-se de um resumo de toda a sua Filosofia. Sendo assim, possui aspectos sintetizados de seu pensamento.

Neste artigo a metodologia utilizada será qualitativa bibliográfica com abordagem teórica.

Nietzsche se destaca enquanto filósofo por sua forma de filosofar com o martelo, ao abordarmos seu pensamento acerca da moral essa característica é facilmente notada, o pensador procura abalar toda a estrutura da concepção de moral mais adotada pelo senso comum de sua época e pela cultura ocidental como um todo, em sua obra *Genealogia da Moral* (1887) ele faz um escrutínio do fenômeno, desde sua raiz, analisando juntamente a ideia de “bem e mal” e distinguindo a moral em suas possibilidades, sendo estas: a moral de Escravo e a moral de Senhores.

Por meio destas reflexões, Nietzsche procura derrubar teses, ideologias e crenças, como buscou fazer com o pensamento de Sócrates e com os dogmas segundo ele disseminados pelo cristianismo, elementos estes, chamados por ele de ídolos, ventos que sopram em oposição à vida, que procuram oprimir e desvalorizar os instintos, supervalorizando a dimensão Apolínea da vida,

¹ Yago Patrick de Andrade: graduando em Filosofia na FAE Centro Universitário. Contato: yagopatricksandrade@gmail.com

² Filósofo, filólogo, crítico, compositor e poeta. Nascido em 15 de outubro de 1844, no vilarejo de Röcken, Reino da Prússia, faleceu em 25 de agosto de 1900, na cidade de Weimar, Império Alemão.

³ Palavra escrita conforme feito pelo autor.

tentando atribuir a esta, aspectos de superioridade absoluta diante da Dionisiaca, levando a vida à decadência e a sintomas de declínio.

Ao investigar as raízes da moral ocidental, Nietzsche levanta esta em duas possíveis situações, a moral de escravo ou rebanho e a dos senhores, em sua crítica ao filósofo grego Sócrates e ao Cristianismo, ele destaca a importância que esses movimentos imputaram à primeira mencionada, esta que patrocina aspectos de humildade, caridade, piedade, dentre outros da mesma natureza.

O pensador afirma ainda, que a moral de escravos é ruim e que degenera as potencialidades do homem ante a vida, o levando à fraqueza e a dizer não diante das possibilidades de explorar seus limites que lhe são apresentadas, caracterizando esta como uma moralidade dos perdedores, dos fracos, que por meio da influência dos dois movimentos criticados em destaque neste artigo passou a ser vista imutavelmente como aquilo que é certo, virtuoso, justo e louvável.

O problema de Sócrates

Nietzsche julga sua filosofia como uma força que luta a favor da vida, dos instintos, das paixões e dos impulsos do homem, e ao se deparar com os reflexos da moral que cercavam sua realidade embarcou numa busca pela origem da formação desta. Ao principiar tal investigação, desenvolveu uma crítica com relação ao pensamento Socrático, visto que este atribui à vida aspectos que a reduzem a algo de baixo valor, que não tem muito a proporcionar ao homem:

Em todos os tempos, os homens mais sábios fizeram o mesmo julgamento da vida: *ela não vale nada...* Sempre, em toda parte, ouviu-se de sua boca o mesmo tom – um tom cheio de dúvida, de melancolia, de cansaço da vida, de resistência à vida. Até mesmo Sócrates falou ao morrer: “Viver significa há muito estar doente [...] esses mais sábios de todos os tempos, é preciso antes observá-los de perto! Talvez todos eles já não tivessem firmeza nas pernas? Fossem tardios? Titubeantes? Decadentes? Talvez a sabedoria apareça na Terra como um corvo, que se entusiasma com um ligeiro odor de cadáver?... (NIETZSCHE, 1888, p. 17. Destaque do autor)

Em meio à crítica tecida contra Sócrates, Nietzsche faz um paralelo com os aspectos físicos que as evidências fornecidas pela história apresentam como pertencentes ao filósofo grego, fala de sua feiura, também menciona o fato de Sócrates ser um cidadão pertencente à plebe grega e fazer parte do povo mais baixo, ou seja, o pensador apresenta todos os vestígios de que Sócrates não tinha nada de nobre e dificilmente se encaixaria como ocupante de uma posição desejável no que diz respeito a uma realidade regida por uma moral de senhores, sendo assim, o mestre de Platão apresenta sua conhecidíssima dialética, comumente usada em seus debates com os sofistas, acontecimento este que de acordo com Nietzsche altera o gosto grego em favor da mesma, vencendo a nobreza grega e abalando a harmonia existente entre o Apolíneo e Dionisíaco dos moradores da Grécia, ocasionando uma inversão de posições, ou, aquilo que Nietzsche vai chamar de “transvaloração de valores”, dando à plebe um aspecto de superioridade com relação à nobreza, atribuindo à pobreza de espírito e a desvalorização da vida uma posição de honra, influenciando significativamente a partir disto a ideia de moral que precederia o pensamento do filósofo.

Nietzsche e o Cristianismo

Esta inversão de papéis, na qual os fracos passam a ser vistos como superiores aos nobres, ganha fundamentos ainda mais firmes com outros adventos, sendo um deles o Cristianismo, o qual justamente pode-se considerar singularmente relevante para Nietzsche, no pior dos sentidos de acordo com o que é transmitido pelo autor em seus escritos.

Em seus escritos, o pensador desenvolve uma intensa crítica com relação ao Cristianismo nos mais diversos detalhes e aspectos: “O Cristianismo é uma insurreição de tudo o que rasteja pelo chão contra o que tem sublimidade⁴.” (NIETZSCHE, 1895, p. 45).

De acordo com Nietzsche, o Cristianismo tem por essência o enfraquecimento do homem, impondo ao mesmo, limites no que diz respeito ao desfrutar de sua vontade, de seus impulsos e instintos. A moral cristã de acordo com o pensador deturpa os ensinamentos do Cristo, transformando a vivência e tudo o que foi dito pelo que fora citado anteriormente em uma moral vazia, que não serve para nada senão impor obstáculos para um determinado estado humano, o qual Nietzsche chama de *Übermensch*⁵.

Dentre os objetos de crítica do pensador, uma posição especial é atribuída à Igreja Católica do século XIX, a qual segundo Nietzsche desfruta da compaixão pregada pelo Cristianismo para propagar influência e domínio das massas, ensinando de acordo com o pensador, de forma completamente deturpada ensinamentos como os transmitidos por Jesus no Sermão do Monte, propagando com isso dogmas de inegociável submissão e imposições religiosas que se instalam na realidade humana como algo pernicioso.

O sacerdote tem na mão todos os grandes conceitos (e não só na mão!), e atira-os com um benévolo desprezo contra o entendimento, os sentidos, as honras, a ciência; vê tais coisas abaixo de si como forças perniciosas e sedutoras, sobre as quais paira o espírito no puro ser-para-si como se a humildade, a castidade, a pobreza, em suma, a santidade, não tivessem até hoje causado infinitamente mais dano à vida do que quaisquer horrores e vícios (NIETZSCHE, 1895, p. 8)

Além da crítica tecida contra a Igreja Católica, Nietzsche também dirige seu martelo a outros personagens. O filósofo expõe discordâncias para com o pensamento de autores como Immanuel Kant, Leibniz, Platão, dentre outros. E não só apresenta oposição a companheiros do meio filosófico, mas também a homens como Martinho Lutero e especificamente ao apóstolo Paulo.

⁵ Traduzido para o português, significa Super Homem, descrito por Nietzsche na obra Assim falou Zaratustra (1891), termo através do qual o filósofo se remete a um além-homem, homem este que supera a moral tratada neste artigo.

De acordo com o pensador, ao analisar as cartas de Paulo presentes no novo testamento, chega à conclusão de que existe uma falta de concordância explícita entre o pensamento de tal homem quando comparado à vida, obra e mensagem do próprio Jesus Cristo, o qual o apóstolo afirma pregar e ser seguidor. Nietzsche chega a considerar que Paulo foi o verdadeiro fundador do cristianismo enquanto instituição de fundamento teológico, fato este que considera o pensador, localizar-se longe da intenção essencial do Cristo.

A relação entre o cristianismo e o Idealismo socrático-platônico

Ao refletir acerca da essência do Cristianismo e de seus frutos e fazer relação entre este e o idealismo socrático-platônico, Nietzsche não percebe diferenças o suficiente para considerá-los fenômenos relevantemente distintos:

“A moral antinatural, ou seja, quase toda moral até hoje ensinada, venerada e pregada, volta-se, pelo contrário, justamente contra os instintos da vida – é uma condenação, ora secreta, ora ruidosa e insolente, desses instintos. Quando diz que “Deus vê nos corações”, ela diz Não aos mais baixos e mais elevados desejos da vida, e toma Deus como inimigo da vida... O santo no qual Deus se compraz é o castrado ideal... A vida acaba onde o “Reino de Deus começa...” (NIETZSCHE, 1888, p. 36).

Tanto que avalia ambos os movimentos numa mesma vertente, ou seja, ações que desvalorizam o mundo e a vida terrena e idealizam uma realidade superior ou um porvir como verdadeiro, imutável e perfeito, constituindo por meio disto uma Moral pobre e aprisionadora que se dá antagonicamente ao movimento natural da vida.

Considerações finais

Ao se dedicar a leitura de Nietzsche, facilmente percebe-se o amor e o zelo que o filósofo tem pela vida, vida esta que se dá por meio de uma devida harmonia entre o apolíneo e o dionisíaco em nós, e que não precisa de nenhum

elemento transcendente para completá-la ou para dá-la algum sentido, o pensador apresenta a vida enquanto tendo seu sentido intrínseco na sua essência.

Sua crítica dirigida a Sócrates, ao Cristianismo e a todos os outros pensadores ou fenômenos derivados destes dois movimentos, se dá devido à inquietação que o pensador sentiu ao perceber a desvalorização que tais pensamentos imputaram ao mundo e a vida.

A crítica ao Cristianismo por considerar o mundo um lugar decadente, ao qual devemos suportar, e por disseminar uma visão negativa da natureza humana, atribuindo a esta, características de desonra e de impureza, por exemplo, ao conceber a ideia das paixões e instintos humanos sob a perspectiva do pecado e estabelecendo os critérios: “isso é permitido e isso não é permitido”, “isso é certo e isso é errado” ou “fazendo isso você irá para o paraíso, caso contrário irá para o inferno”, supervalorizando o porvir e “presenteando” o homem com um cabresto que dificulta sua visão da verdadeira vida, levando-o a deixar de desfrutar das possibilidades que suas potencialidades poderiam proporcioná-lo no decorrer de sua existência. A crítica também se estende à forma como os fundamentos mencionados anteriormente foram usados pela Igreja para exercer controle de massas e sua influência social e política de forma intensa em determinado período da história e que de certa forma exerce até hoje.

Quanto a Sócrates, sua crítica se dá principalmente pela grande influência que tal filósofo exerceu sobre os pensadores que o sucederam tanto por meio de sua vida quanto pela forma como foi sua morte, principalmente sobre Platão e seu Idealismo que desenvolveu a concepção do mundo supra-sensível, o mundo no qual a verdade habita, no qual estão as ideias perfeitas, eternas e imutáveis. Que consequentemente atribui ao mundo terreno, as mesmas características de inferioridade que no caso do Cristianismo, enquanto um mundo no qual só temos acesso às sombras das coisas, um mundo que na verdade é uma caverna alimentada pela dádiva da ignorância no qual nossas capacidades sensíveis nos enganam, no qual é impossível alcançar a verdade.

"A crítica de Nietzsche, vale ressaltar, associa numa única vertente a filosofia platônica e a teologia cristã [...] Nietzsche foi um dos filósofos que denunciou efusivamente esse vínculo, considerando que ambas as instâncias, de uma forma geral, se tornaram profundamente prejudiciais para a existência concreta, pois retiram o substrato ontológico do mundo, que se torna expressão do não-ser. Este seria, portanto, em linhas gerais, o caminho da ascese iniciado pelo platonismo e culminado pela religião cristã" (BITTENCOURT, Renato, 2008, pg. 85)

Percebe-se que os alvos da crítica de Nietzsche patrocina um olhar do mundo enquanto mundo da dor, mundo do sofrimento e não um possível mundo da alegria, da realização e do prazer.

Nietzsche manifesta claramente em seu posicionamento filosófico e sua oposição ao sistema moral predominante no ocidente, o qual por muitas vezes é mal interpretado devido à tendência seguido por aquele se encontra dentro do objeto criticado. No entanto se devidamente estudado, percebe-se que o autor não desenvolve uma filosofia que se posiciona necessariamente contrária a uma relação entre o homem e o sagrado, desde que tal relação atribua ao mundo, à vida e à condição terrena do homem sua devida dignidade e importância, e divinize tudo aquilo que tenha por intuito estimular e desfrutar de suas paixões, inclinações e instintos, sem se limitar ou permitir que lhe sejam impostas proibições ou direções com fundamentos que sobrepujam os limites da naturalidade e da realidade. Pois para Nietzsche a vida é o bem mais importante que nós temos, e para vislumbrar sua plenitude, o homem deve desfazer-se de seus ídolos e usufruir dela da melhor forma possível sem limites, pois esta não o impõe barreira alguma.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Renato. **O problema do crucificado na crítica de Nietzsche ao Cristianismo**. Rio de Janeiro: Revista Trágica – vol 1, 2008

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo**. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/nietzsche_friedrich_o_anticristo.pdf. Acesso em 09/10/2017